



OS BÁRBAROS: UMA LEITURA A PARTIR DE ORÓSIO

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4177

Márcio Augusto Galante, UNIOESTE

Resumo

Ainda hoje trabalha-se e baseia-se nos “cânones” da historiografia romana, nomes que atravessaram século como Tito Lívio, Políbio, Horácio, Tácito e tantos outros, foram responsáveis por embasar muitos historiadores sobre como foi Roma, em tempos longínquos, seja enquanto monarquia república e império. Assim, através deles, se solidificou grande parte do pensamento e do imaginário que se tem de Roma. Ainda são muitas as lacunas que permeiam esse trabalho dificultando assim o ofício do historiador não só de Roma mas da antiguidade como um todo. Não obstante, para “desvendar certos mistérios” é necessário engajar-se na inter/multiplicinarietàade, em especial com a arqueologia, antropologia e sociologia, para que seja possível aumentar a produção de material sobre. Além disso, é importante recuperar todo o material produzido que remonte ao período, não só localizá-lo e catalogá-lo, mas interrogá-lo na intenção de objetivar outras perspectivas, para além da “bela e clássica História de Roma”.

No sentido de ampliar a produção de fontes que encaramos esse trabalho, pois nos permite entender cada vez mais e melhor o referido período, seja sobre os romanos ou os povos que coexistiram com esses. Portanto, tem-se por objetivo a apresentação de elementos para o desenvolvimento de uma pesquisa, que tem por foco discutir, analisar e investigar a *magnum opus* do historiador hispânico Orósio, intitulada de *Historia adversus paganos*. Dentro da obra do autor, busca-se averiguar como é formulada a figura do “bárbaro”, relacionando dois pontos da história de Roma, o saque em 385 a.C. e o saque de 410 d.C.

Palavras Chave:

Historiografia
eclesiástica; Orósio;
Roma tardo antiga.

No sentido de ampliar a produção de fontes que encaramos esse trabalho, pois, nos permite entender cada vez mais e melhor o referido período, seja sobre os romanos ou os povos que coexistiram com esses. Portanto, o seguinte texto tem por objetivo analisar e investigar a *magnum opus* de Paulo Orósio, intitulada de *Historias*¹.

Entre 378 e 476², estava localizado o nosso autor, que argumentava em favor dos cristãos e contra a acusação dos pagãos – no que concerne os problemas enfrentados pelo Império no período. Além de justificar, sob sua ótica, a influência divina para com Roma e os romanos.

Neste largo recorte temporal, de quase um século, dois eventos vão marcar significativamente a época de Orósio (sem abandonar o ponto de vista da época conturbada em que se encontrava Roma): primeiro, a morte de Teodósio, em 395, o último Imperador sob uma Roma única; segundo, o saque godó sob mando de Alarico contra Roma em 410.

Tais eventos estão relacionados,

já que o Imperador Teodósio e o rei godó Alarico firmaram acordos em meados de 380. De outro modo, destacamos aqui esses dois momentos porque contém um amplo significado para Orósio e sua obra, em especial no último volume. Já que para Orósio, o Imperador Teodósio tem contornos de heroicidade, já que tornou a unificar Roma e também governou em benefício dos cristãos, daí a importância dada ao imperador romano. Por outro lado, por ser constantemente evocado por Orósio, o saque de Alarico servirá de parâmetro comparativo para outras tragédias narradas por pelo historiador.

Esses são dois fatos frente a um mar de improbabilidades e instabilidade que assolavam o Império no fim do século IV e início do V. Porém, esses problemas, por vezes, são de situações que vinham se arrastando por diversas décadas. Na política, dificilmente permaneciam os imperadores no controle do poder, pois haviam muitos que se proclamavam ou eram promovidos pelo exército ao cargo, resultando em guerras civis que consumiam recursos financeiros e humanos.

Não desvinculada dessa situação, as legiões romanas nas fronteiras do Império tinham que lidar com o movimento constante dos povos que viviam além do Reno e, principalmente, do Danúbio. Os estrangeiros eram, cada vez mais, frequentes no interior das fronteiras, principalmente após a derrota de 378 em Adrianópolis. A consequência de muitas guerras civis ou contra os invasores, levou a escassez de alimentos em determinados pontos do Império, fomentando a insatisfação popular e em consequência contribuindo com a instabilidade política e administrativa. Por fim, permeando todo esse contexto, havia um forte antagonismo entre o paganismo e o crescimento do cristianismo não só entre a população, mas dentro da aristocracia romana.

Por fim, podemos afirmar que

1 A despeito do título da obra, encontramos diferentes formas de escrita como por exemplo: *Historiae adversus paganos* e *Historiarum adversum paganos*, porém optamos por manter o título da tradução no espanhol: *Historias*.

2 Menciona-se essas datas com marcos dentro da História de Roma, pela importância que esses momentos vão ter para Roma e para a historiografia que problematiza o período. A primeira data, 378, é a derrota e morte do imperador Valente contra os godos na batalha de Adrianópolis, que para a historiografia que estuda o período é uma baliza temporal que vai reverberar nas condições futuras do Império. Na segunda, a data de 476 definiu-se, pelo menos nos manuais de história, como a “queda de Roma” e o “fim do Império”, por outro lado, na em 1971 foi publicado por Peter Brown argumentos que esse período teria sido de “transições”, “transformações” ou “mudanças” e não de “queda” ou “crise”, sobre essa discussão ver: HEATHER, Peter. *La caída do imperio romano*. Editora Crítica, Barcelona – 2006 e WARD-PERKINS, Bryam. *La caída de Roma y el fin de la Civilización*. Editorial Espasa Calpe – 2007.

Orósio se encontrava no “olho do furacão”, no meio dos acontecimentos do último século do Império Romano do Ocidente, essas questões incertas podem ser notadas na obra do historiador, pois fazia parte de suas argumentações contra os incrédulos e também contra os pagãos.

Apresentado brevemente o contexto, tratemos do autor e sua obra. De início podemos levantar duas questões: “quem era Paulo Orósio?” e “do que trata a sua obra?”. São perguntas complexas, porém não impossíveis de serem respondidas. A primeira delas talvez seja a mais difícil, pois pouco se sabe de Paulo Orósio (apesar de já se ter pesquisado muito sobre o autor), e esse pouco que se sabe ainda está baseado em hipóteses. Por outro lado, sua obra *Historias* foi muitas vezes traduzidas e também serviu como referência de estudos acerca do período em que foi escrita. Portanto, sem mais, propõe-se aqui uma breve descrição de Paulo Orósio e sua obra mais importante: *Historia*.

Paulo Orósio foi presbítero e historiador cristão do início do século V, é marcado pela forte influência de Santo Agostinho e Jerônimo em seus escritos. Porém, como já foi dito, pouco se sabe sobre a vida do mesmo, e o que se sabe são mais conjecturas do que propriamente evidências. No que diz respeito sobre seu local de nascimento afirmamos³ aqui que tenha sido em algum local na Hispânia⁴, tratamos o autor como hispânico, mas de modo geral como romano, já que o mesmo estava

3 MARTINEZ CAVERO, P. Capítulo I hipótesis biográficas y fecha de redacción de sus obras. In: *antigüidade y Cristianismo*. 19, 2002. p. 22-26.

4 Hispânia era uma região político-administrativa do Império Romano, é a atual região da península Ibérica. As hipóteses sobre o local de nascimento de Paulo Orósio variam entre Terragona, Corunha, Braga e até mesmo em alguma região da Bretanha. Infelizmente, aqui também não conseguimos afirmar, com certeza, qual o local de nascimento do autor.

inserido dentro dos limites do Império Romano. Seu nascimento, também de difícil certeza, teria se dado na década de 380 d.C. baseado em sua trajetória dentro da Igreja como presbítero na região da Galécia. Por volta de 414 d.C. Paulo Orósio teria chegado ao norte da África, onde encontrou-se com Agostinho⁵, porém é um período curto entre sua chegada até sua partida por volta 420.

Nesse período teria ele escrito *Consultatio sive commonitorium ad Augustinum de errore Priscillianistarum et Origenistarum* e mais tarde *Liber Apologeticus contra Pelagium de Arbitrii libertate*⁶, e, um pedido de Agostinho, Orósio escreveu *Historias*, obra essa que será alvo de nossos estudos. Por fim, há muito menos certezas sobre local e data da morte de Paulo Orósio, tendo, possivelmente, morrido ao tentar voltar para a Hispânia, aproximadamente em 420, porém são muito obscuras essas conjecturas.

Em contra partida, ao escasso conhecimento que se tem de Paulo Orósio, não se pode dizer o mesmo sobre sua principal obra: Sobre sua obra principal, *Historias*, acredita-se que fora escrita entre 415 e 417, em sua estadia no norte da África, sob mando de Agostinho. Apesar de a obra não ter chegado ao século XXI intacta, conta como parte dos códices⁷ (ou *codex*) que sobreviveram ao longo do tempo. Além do fato de que parte da obra de Orósio tenha chegado até nós, conservada em

5 E é em sua estadia no território africano que se tem maiores certezas sobre Paulo Orósio.

6 O primeiro escrito faz referências a viagem de Orósio até a África, mas o enfoque é sobre as conversações entre ele e Agostinho a despeito do priscilianismo e do origenismo. Já o segundo texto é contra a acusação de heresia que lhe fora dirigida em sua breve permanência na Palestina a convite de Jerônimo.

7 Existem cerca de mais de duzentos e quarenta manuscritos, que por sua vez estão divididos em duas famílias de códices. A primeira reúne escritos entre o século VI até o século VIII, já a segunda está relacionada com traduções feitas em mosteiros durante os séculos VIII e IX.

manuscritos, é possível também destacar a grande quantidade de traduções e edições⁸ que esses textos tiveram ao longo do tempo, proporcionando o maior preenchimento das lacunas dentro da proposta do autor.

Como já apontado, acredita-se que em 417 Orósio concluiu sua obra, os sete livros/volumes de *Historias*, ocupando-se com a proposta de fazer uma história universal que, por sua vez, acaba se convertendo em uma história de Roma, corroborada pela Teoria dos Quatro Impérios. Assim, os seis livros iniciais remetem-se a primeira parte dos argumentos de Orósio, na qual o autor afirma que o período anterior a Jesus Cristo teria sido ocupado pelas desgraças, tragédias, desastres, pestes e guerras. Em contra partida, no sétimo e último volume o autor se dedica aos anos posteriores à vinda de Cristo (onde demonstra que os malefícios do período são inferiores aos de outrora, ou seja, após Cristo seria um momento de maior felicidade), e, para isso, o presbítero recorre a uma série de eventos históricos que corroborem para as suas hipóteses.

Aqui mostramos como o contexto da vida de Orósio está presente em sua obra, sendo que, o tema como ápice, é o saque de Alarico sobre Roma em 410, já que este fato vai afetar pagãos e cristãos, segundo Orósio. Escreveu então, como resposta as acusações contra cristãos pelo fato de Roma ter se convertido ao cristianismo, sob escopo das dificuldades sofridas pelo Império naquele momento e também ao saque

sofrido na capital do Império. Por outro lado, escreve-se, também, como resposta aos cristãos que pensavam a despeito do saque ser providência da Ira Divina, no caso: o Apocalipse.

Em resumo, a obra é escrita com a intenção de refutar as acusações dos pagãos. Reafirmando, portanto, a seguinte lógica: a desgraça do mundo era maior quando Jesus Cristo não estava no mundo. Porém, esses argumentos não devem ser encarados como um pretexto de Orósio, mas sim uma convicção da sua parte.

No início desse texto apresentamos tema a ser tratado: a principal obra da vida de Orósio, Como já mencionado, a obra *Historias* será nosso objeto de estudos, no entanto, dada a vastidão temporal abarcada pelo historiador, é necessário vamos focar nosso estudo em momentos específicos do livro *Historias*, recortando assim o tema-objetivo desse projeto e também da pesquisa. Para tanto, propõe-se investigar dois pontos dentro da obra orosiana e da História de Roma: O saque gaulês liderado por Breno em 390 a.C. e outro o saque visigodo liderado por Alarico em 410 d.C; são dois momentos em que houve derrota por parte dos romanos e vitória dos invasores, mas para além dessa designação simplória, esses dois episódios possuem uma série de semelhanças, porém uma carga igual ou maior de diferenças.

O primeiro fato, se dá em um período embrionário de Roma, que necessitava provar sua hegemonia frente as outras cidades do Lácio, buscando uma estabilidade externa, ao mesmo tempo que buscava estabilidade interna na conjectura dos primeiros anos da República. Em contra partida, os gauleses sênones estavam em grande contingente no norte da Itália, em movimentos de expansão dos povos celtas. O evento se desdobra com a Batalha do Ália (387 ou 390 a.C.), que resultou na derrota dos romanos ao enfrentar os gauleses sênones

8 A despeito da quantidade de edições e traduções à que os textos de Orósio foram submetidos é de número bastante significativo. As primeiras edições concretas datam do século XV se estendendo até o século XIX e XX. Com relação as traduções, essas menos numerosas, porém mais antigas, iniciam com Alfredo O Grande no século IX e um exemplar em árabe do século X. Na modernidade não se tem evidências de nenhuma tradução, e, por fim, após século XIX é possível encontrar diferentes edições e traduções.

liderados por Breno. Após a vitória os caminhos que levavam à Roma estavam livres, então para lá Breno dirigiu seu exército até a cidade desguarnecida e executou o Saque à Roma.

Em uma distância temporal de mais de mil anos, e em condições totalmente distintas, Alarico (rei dos visigodos) e os visigodos teriam feito o mesmo à Roma durante o “Baixo Império”. Conforme a pressão dos hunos aumentavam, a pressão dos povos germanos também aumentavam nas fronteiras do Império Romano. A “flexibilização” dessas fronteiras se deu após a derrota na Batalha de Adrianópolis em 378, permitindo que os godos se fixassem no interior do Império, a ponto de serem considerados federatios. Isso não evitou a pilhagem de 410, marco icônico para todo o mundo conhecido, colocando em dúvida o poderio romano e levantando a pergunta: “o fim do Império estava próximo?”.

Seria pouco se dissermos que esses são nossos únicos obstáculos, além do sempre presente empecilho “da carência de fontes e da distância temporal”. Sim! Esses são problemas irreparáveis no curso do ofício dos historiadores, mas são características próprias de cada período. Acrescentando aos obstáculos no estudo da antiguidade, ao tomarmos como foco de estudos as sociedades “bárbaras” – ou na terminologia latina de *gentes barbarae* – nos deparamos com uma perspectiva unilateral sobre: quem eram os povos que não fossem os romanos? Ora, sabemos que quem construiu a figura do estrangeiro “bárbaro” foram os romanos, ou seja, quem descreveu, falou e pensou sobre esses povos não foram eles próprios, mas sim os romanos ou, pelo menos, os letrados de Roma. Contribuindo com essa perspectiva unilateral, nos defrontamos com outro problema, que é a falta de fontes deixadas pelas sociedades celtas e germânicas, pois os mesmos não se preocuparam com

relatos escritos sobre sua sociedade e sua história, ou melhor dizendo, em um movimento próprio de sua cultura, acabaram preservando assim uma cultura de oralidade. Fato assim que nos leva a encarar e problematizar as fontes romanas contra elas mesmas, investigando possíveis discordâncias entre os historiadores romanos, e, na diferença entre os “bárbaros” gauleses sênones e os “bárbaros” visigodos. Mas seriam os povos “bárbaros” realmente bárbaros?

dirigiu [seus soldados], segundo o costume romano, contra a população da cidade, dizendo-lhes para matar todos os que encontrassem e não poupar ninguém, e para só começar a pilhagem quando recebessem ordem. O objetivo desse costume é espalhar o terror. Dessa forma, pode-se ver em cidades capturadas pelos romanos não apenas seres humanos que foram mortos, mas até cães cortados em dois e os membros de outros animais cortados fora. Nessa ocasião, o número desse tipo de carnificina foi muito grande.⁹

Por otra parte, los soldados romanos que, protegidos por la cubierta del parapeto, excavaban galerías para poder cortar las tuberías de la fuente, con siguieron, haciendo muchas sangrías, que los canales de aguas, que habían encontrado en un lugar secreto, disminuyesen en su caudal y terminaran por consumirse. Los habitantes de la fortaleza, totalmente desesperados al secarse la fuente, se entregaron. Y César, a todos aquellos que habían tomado

9 Políbio, o principal historiador dos primórdios da história militar da cidade, descreve como Cipião, o Africano, depois de invadir Nova Cartago (Cartagena, na Espanha) em 209 a.C., durante a Segunda Guerra Púnica. Trecho retirado de: KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 1995 p. 280-281, ver: HARRIS, W. *War and imperialism in republican Rome*, Oxford, 1979, p. 54-67.

las armas, les corta las manos y les deja la vida para que el castigo a su maldad quedase como testigo también para sus descendientes. Tiene gran eficacia, en efecto, a la hora de corregir una osadía, el tipo de castigo que se da, por cuanto una forma de vida que conserve siempre presente la desgracia del castigo, mueve al recuerdo a los que conocen los antecedentes

y obliga a informarse a los que los desconocen¹⁰.

Esses são trechos deixados por Políbio e por Orósio, descrevendo as ações militares dos romanos em campanha na Hispânia e na Gália. Esses trechos, em conjunto com a pergunta anterior, faz nos refletir sobre o quão distante eram os romanos de seus vizinhos fora do Lácio. Dentro desta prerrogativa pode-se identificar uma questão de alteridade, onde, é preciso, primeiro, definir “o que é romano”, para daí definir “quem seriam os “bárbaros””, deste modo, é possível conjecturar que romanos e “bárbaros” teriam muito mais elementos em comum do que se acreditava.

Levando em conta o que foi apresentado até o momento e com a intenção de nortear os objetivos desse trabalho, serão expostas perguntas que levam em conta o que foi apresentado e problematizado minimamente, pois como se viu há muitas dúvidas no que circunda a investigação proposta. Mas, a hipótese central se levanta da seguinte maneira, considerando a obra *Historias* de Orósio e estabelecendo um recorte sobre o segundo e o sétimo livro onde se narra os distintos saques apresentados, perguntamos: quais as semelhanças e diferenças existentes entre esses dois momentos? Tanto para Orósio como para a *História de Roma*.” não obstante por que Orósio os narra de maneira tão distinta? O que contribuí para que isso

seja feito?

A princípio essas perguntas podem parecer genéricas, porém, ao fazê-las, nós estabelecemos horizontes, assim elas nos servirão para tornar mais específicos nossos objetivos, que serão abordados na sequência.

Buscamos assim, analisar a construção da narrativa orosiana, em sua obra *Historias*, especificamente, a despeito da construção da figura do “bárbaro”, em dois momentos da história de Roma. O primeiro recorte, refere-se ao saque realizado pelos gauleses liderados por Breno no ano de 390 a.C. e o segundo saque realizado contra Roma, por Alarico e os visigodos em 410 d.C.

Ainda nesse sentido, nos impomos a contextualizar a época em que Orósio escreveu, buscando entender o processo histórico do período e como esse fator vai contribuir com sua obra e nos argumentos presentes nela. Buscar entender como o texto de Orósio se relaciona e constrói narrativas distintas para eventos, que de modo geral, se parecem. Além disso, observar como as diferentes épocas, intrínsecas ao seu contexto, impactam sobre a construção do texto de Orósio. Ao abordar discussões historiográficas que tratam do período como Antiguidade Tardia, Queda de Roma. Problematizar o “tipo de história” escrita por Orósio e também problematizá-lo enquanto historiador e as fontes por ele utilizada. Pois, afinal, como já ressaltado, entendemos Orósio como historiador não só pelo período a que refere-se, mas também a conjectura de sua obra ao reunir diversos outros autores para construir uma “História Universal”. E, por fim, Investigar os antagonismos presentes no período: cristianismo e paganismo e, por fim, *romanitas* e *barbarium*. Com a intenção de trazer à luz detalhes sobre as formações socioculturais de cada um dos recortes e problematizar como as práticas cotidianas, culturais estão presentes na obra.

10 ORÓSIO. *Historias*. Volume II. p. 123.

As ideias apontadas aqui, até agora, constituem a explanação das bases nas quais nos orientamos/orientaremos na futura pesquisa. Nesse tópico, pretende-se verificar as hipóteses que foram formuladas anteriormente no texto, partindo da documentação disponível, nos embasando no referencial teórico-metodológico. Na sequência, para elucidar melhor as metodologias empregadas e como se dará o tratamento sobre as fontes, vamos separar em eixos temáticos conforme os objetivos especificados anteriormente, e apresentar o que se propõe aqui.

De primeiro momento, nos atentemos as fontes primárias deste projeto. A primeira delas, e mais importante, já constantemente apresentada e comentada: *Historias* de Orósio. Optamos por utilizar a edição e tradução no castelhano, versão de Eustaquio Sanchez Salor de 1982, pela editora Gredos. Essa versão está baseada nos textos de Karl F. W. Zangemeister intitulado *Pauli Orosii Historiarum adversum paganos libri VII* (mas não apenas nela), finalizada em 1889, e é sobre ela que debruçaremos nossas atenções e esforços com a intenção de investigar os saques sobre Roma na visão orosiana.

Se tratando de Orósio e sua obra, apresentamos um dos estudiosos do autor, Pedro Martínez Caveró. Este último possui pesquisa no que se refere ao presbítero hispânico, adentrando sobre as problemáticas e lacunas acerca de Orósio. Com base histórica e antropológica, suas análises serão importante ferramenta para nossos estudos, possibilitando para nós um maior campo de reflexões. Já que, o autor aborda diferentes aspectos da obra *Historias* e também do próprio Orósio, como por exemplo, os signos e o paganismo no pensamento orosiano, o desaparecimento do presbítero em Menorca, e, até mesmo, o conceito de tempo na percepção de Orósio.

Por seguinte, nos deparamos

com o contexto do Império Romano do início do século V, que por sua vez, nos leva a uma série de problemáticas no confronto entre duas perspectivas teóricas. Sendo que a primeira delas e mais comumente difundida é a da “queda de Roma” e, de outro lado, a corrente historiográfica que acredita na “transição de Roma ao Feudo”, caracterizando assim um período totalmente diferente chamado de Antiguidade Tardia.

Essa discussão, ainda hoje debatida, ramificou-se em duas perspectivas acerca dos envolvimento político-sociais da Europa Ocidental do século V. Sobre as discussões que fomentam “a queda de Roma”, temos como principal autor Bryam Ward-Perkins. Este autor, nos apresenta uma série de prerrogativas (as motivações dos povos germânicos, as condições internas de Roma) que fazem crítica à ideia de “transição do mundo romano” sustentada pelos teóricos da Antiguidade Tardia, enquanto que, Peter Brown em *El Mundo de la Antigüedad Tardia*, sustenta a hipótese do século III até o VIII como uma época distinta da Antiguidade Clássica, denominado este período de Antiguidade Tardia.

No século V, em que nosso autor descreve os dois saques sobre Roma um em 390 a.C. e o outro 410 d.C., buscamos saber quais são os fundamentos que implicam em sua narrativa, sobre esses eventos serem ou não distintos.

O primeiro recorte, mais distante, carece de fontes que sobreviveram ao largo do tempo. Assim, além do próprio Orósio será necessário, possivelmente, recorrer a outros escritos que se aproximam do período que também são as fontes do escritor¹¹.

11 Aqui refere-se a outros autores romanos que trouxeram consigo relatos sobre os povos celtas, em especial os Gauleses Sênones, dentre os quais destacam-se *Commentarii de Bello Gallico* de Júlio César, *Historias* de Políbio e também *Ab urbe condita* de Títo Lívio.

Felizmente, é possível encontrar pesquisas sobre esses períodos tão longínquos da História de Roma, como o título *História de Roma Antiga – Volume I* produzido pela Universidade de Coimbra e coordenado por José Luiz Brandão e Francisco de Oliveira, *As Origens de Roma* livro de Alexandre Grandazzi e também por Tim J. Cornell *The Beginnings of Rome*.

O segundo, o saque de 410, já foi muito debatido pela historiografia, de modo que há muito material acerca do período e também sobre os visigodos, dada a importância do saque para o mundo naquele momento da história. Seria esse saque o “prelúdio dos fins dos tempos?”, evidentemente que só é possível entender o desfecho do Império Romano ao preservar uma distância temporal segura para visualizar todo o contexto. O aporte teórico sobre esse recorte é debatido nas seguintes obras, no livro *Guerras Góticas de Roma* de Michael Kulikowski, *El Occidente Bárbaro 400-1000* de John M. Wallace-Hadrill e *Gentes Barbarae. Los bárbaros, entre el mito y la realidad* na tradução de Jorge López Quiroga. Bem como, é imprescindível trazer os argumentos de Agostinho de Hipona¹² a despeito do saque, tendo em vista a influência do mesmo na obra orosiana.

Além de tudo que tratamos aqui, é de grande importância, o entendimento que temos sobre Orósio enquanto Historiador Cristão. Para tanto, o autor, a exemplo de Agostinho, utiliza-se de autores pagãos para construir os argumentos de sua obra e também para a proposta de História Universal, ainda que carregada de crenças, a visão de Orósio se mostra frutífera ao nos proporcionar

os seus entendimentos sobre o seu contexto vivido. Não obstante, ressaltamos que sua obra foi significativa para a posteridade eclesiástica europeia, quando foi traduzido inúmeras vezes.

A perspectiva teórica, aqui entendida, se baseia em diferentes orientações teórico-metodológicas. Porém, algumas definições serão preservadas distinguindo-se do modelo Positivista ou Neo-Positivista. Logo, partiremos de uma definição de História Problema, que tem como pressuposto uma troca de saberes entre o “objeto de estudo” e o “sujeito que estuda”, concomitante à isso, empreende-se a noção de que a teoria histórica é uma ferramenta na qual usamos para o nosso ofício, é um modelo genérico de aplicação teórico-prática que contribui para o entendimento daquela sociedade, por isso se toma o cuidado de não aplicar e enquadrar o objeto à teoria.

Contribuindo com a premissa recém-apresentada, invocamos Moses I. Finley

O tom crítico que permeia este ensaio não é nem acidental nem “inconsciente”. Seu tema é metodológico – a natureza e o problema das generalizações –, não histórico. Não me dedico aqui ao conteúdo, verdadeiro ou falso, de qualquer generalização específica na história antiga; ocupo-me, sim, do modo como os historiadores da Antiguidade empreendem seu trabalho, do que dizem ou deixam de dizer, do presumem ou negligenciam.¹³

No que tange o metodológico, o historiador opera com o mecanismo da generalização, ferramenta tão presente em seu ofício. Como aqui poderíamos trabalhar sem generalizações? O que usaríamos, eventualmente ou

12 Referência aos sermões de Agostinho. O De excidio Urbis Romae sermo reúne um conjunto de cinco sermões proferidos por Santo Agostinho no espaço de cerca de um ano, depois da tomada de Roma pelos godos, chefiados por Alarico, em Agosto de 410. In: *O De excidio Urbis e outros sermões sobre a queda de Roma*. tradução de Carlota Miranda Urbano. Universidade de Coimbra, 2010. p. 9.

13 FINLEY, Moses I. Cap. 3 – Generalizações na história antiga. IN: *Usos e abusos da história*. Martins Fonte. São Paulo. 1989, p. 57.

substitutivamente, no lugar de “Roma”, “romano”, “bárbaro” e/ou “império”? Essas são generalizações que lidamos constantemente na História, quiçá na História Antiga. Portanto, não cabe a nós julgar, à posteriori, as premissas de Orósio quanto suas definições sobre quem eram os “bárbaros” ou quem eram os “romanos”, cabe a nós, e a esse futuro trabalho, buscar entender, através da investigação, o que vai influenciar o presbítero hispânico em construir sua visão sobre a sociedade dos distintos períodos que delimitamos aqui. Assim concordamos com os argumentos de Finley:

Obviamente, não se pode exigir de nenhum historiador que esclareça cada termo, conceito, pressuposto ou inter-relação que emprega, e muito menos que faça um estudo pessoal sistemático dos mesmos. Se ele o fizesse, nunca poderia realizar nada. As conclusões que extraio do que acabei de afirmar são simplesmente: 1) os historiadores nunca deixam de generalizar, nem no início nem durante todo o estudo que fazem, e quanto mais conscientes disso, mais cuidadosos serão com suas generalizações; 2) visto que a generalização é inerente ao trabalho do historiador, é absurdo e até contraditório que ele se torne repentinamente “cauteloso” e se recuse a generalizar ao fim de um estudo, o que significa uma recusa em explicar de um modo adequando as mesmas instituições e acontecimentos cujo o estudo ele se dedicou.¹⁴

Mas salvaguardamos as generalizações, além é claro, da constante armadilha do anacronismo que caem os desavisados, entendendo que como ferramenta útil e ao mesmo tempo perigosa a generalização, em especial a categoria dos conceitos, nos permite conjecturar, desde que se mantenham a

capacidade do conceito em ser vago e também o seu caráter mutável como defende Paul Veyne.

Por fim, dizemos que a capacidade subjetiva de análise e investigação do historiador é o que tornam única a prática do seu ofício, pois de qualquer outro modo, seríamos apenas antiquários, cronistas, resenhistas ou jornalistas em uma narrativa fatídica de fatos distantes de seus contextos.

Referências

- AGOSTINHO, Aurelius. O De excidio Vrbis e outros sermões sobre a queda de Roma. Tradução de Carlota Miranda Urbano. Universidade de Coimbra, 2010.
- ANTIQUERA, Moisés. O Império romano de Aurélio Vítor. USP, São Paulo-SP, 2012.
- BARROS, José D. Verdade e história. Arqueologia de uma relação. Cadernos IHU Ideias, v. 12, n. 212, p. 3-41, 2014.
- BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício de historiador. Trad. André Telles Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BROWN, Peter. El mundo de la Antigüedad Tardia. Editorial Gredos. Madrid. 2012.
- FINLEY, Moses I. Cap. 3 – Generalizações na história antiga. IN: Usos e abusos da história. Martins Fonte. São Paulo. 1989.
- GIBBON, Edward. Autobiography of Edward Gibbon as Originally Edited by Lord Sheffield (Oxford, 1907), p. 160. APUD. WARD-PERKINS, Bryam. La Caída de Roma y el fin de La Civilizacion. Espasa Calpe, S. A., 2007. p. 9.
- GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário In: _____. Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História. Trad. Frederico Carotti. São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1989. Pg. 143-179.
- HEATHER, Peter. La caída do imperio romano. Editora Crítica, Barcelona – 2006
- KEEGAN, John. Uma história da guerra. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- KULIKOWSKI, Michael. Guerras Góticas de Roma. Tradução Glauco Micsik Roberti, - São Paulo: Madras, 2008.
- MARTINEZ CAVERO, P. El Pensamiento Histórico y Antropológico de Orósio, Antigüedad y Cristianismo, 19, 2002.

¹⁴ Idem, p. 72.

- MARTINEZ CAVERO, P.; BELTRÁN CORBALÁN, D. Aproximación al Concepto de Tiempo em Orosio, Antigüedad y Cristianismo, 12, 1995.
- MARTINEZ, Diego Schneider. Uma releitura cristão da história: A história adversus paganos de Orósio e a teoria dos quatro impérios. UFPR, Curitiba-PR. 2014.
- MOMIGLIANO, A. E as raízes clássicas da historiografia moderna. Tradução Maria Beatriz B. Florenzano. EDUSC, 2004.
- NORA, Pierre. O Retorno do Fato. In: LE GOFF, Jacques (org). História: Novos Problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- ORÓSIO; SÁNCHEZ SALOR, Eustáquio (Trad.) Historias, Madrid: Biblioteca Clásica Gredos, 1982.
- SCHAFF, Adam. História e Verdade. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- SILVA, Marcelo Cândido da. 4 de setembro de 476 – A Queda de Roma. Companhia Editorial Nacional. São Paulo. 2006;
- WARD-PERKINS, Bryam. La Caída de Roma y el fin de La Civilizacion. Espasa Calpe, S. A., 2007.